

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno 3500 rs. — Semestre 1500 rs. —
Trimestre 1500 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 4. — SABBADO, 21 DE JANEIRO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 15000 — Semestre 25100
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000 rs.

REVISTA POLITICA.

Visto que as potencias occidentaes e ainda outras consideravam existir um facto ameaçador do equilibrio europeu e da segurança e independencia da Europa; que esse facto é a ambição da Russia, que aspira a invadir o occidente pelas influencias religiosas, e pelos meios militares que sítiam constantemente o imperio ottomano; não havia outra solução possível do que fazer com que esse perigo desapareça, desarmando o inimigo da paz geral; e tambem estamos persuadidos de que o orgulho moscovita difficilmente accitaria os decretos da diplomacia emquanto não visse contra si a coalisação das nações da Europa. Fortes e profundos deveriam ser os golpes que de outro modo o decidissem; e de tudo resultava ser inevitavel o proseguimento da guerra.

Nos dias 22 e 23 de março os russos faziam vigorosas sortidas com o intento de arrasar as trincheiras, e retiravam-se escarmentados. O andamento simultaneo do combate e das negociações mostra-se naquelles feitos: as conferencias suspendem-se, mas o ataque recrudescce, começando no dia 9 de abril o fogo geral contra Sebastopol. Coincide com a actividade militar um facto significativo, que estreita a alliança das nações colligadas. A viagem do imperador Napoleão a Inglaterra interessa vivamente os habitantes das duas costas do canal. A invasão preparada em Boulogne pelo vencedor no combate das Pyramides, prognosticada pelo veterano de Waterloo, consuma-se pacificamente. As prophcias de Longwood inspiram o nascente imperio: a alliança que teria feito invencivel a França de 1804, restabelecendo o imperio da razão e da justiça entre as nações pelos vinculos de uma civilisação robusta e cimentado nos interesses materiaes e moraes, acabava de verificar-se n'aquelle instante pela união dos dous mais poderosos povos do continente. A grande obra disposta pelos autocratas, havia tantos annos, cahia desmoronada pelos esforços de uma politica generosa, pactuada entre a França e a Inglaterra, Nicolau I teria recuado na execução de seus pensamentos se tivesse ouvido as saudações que o povo inglez dirigia ao sobrinho de seu antigo prisioneiro; divisaria n'esse symptoma a reprovação de sua politica invasora, e a alliança do continente consummada sem custo n'um prazo tão pouco remoto.

Os fructos da nova expedição começam a colher-se em maio. Havia tempo que a imprensa ingleza, zelosa pela honra de suas bandeiras, accusava o poder de moroso nas operações, attribuindo as delongas á má administração, e a incapacidade dos ministros, que illudidos com as conferencias se tinham descuidado do importante negocio das armas. Discorrer d'este modo quando na realidade o mal nascia das instituições que vedam ao governo os meios de fortalecer o elemento guerreiro, não honra de certo a opposição; porém, não deixa de ser certo que a imprensa formulando taes incriminações era o reflexo da impaciencia publica, que attribuia os desastres do exercito á inhabilidade dos encarregados da repartição da guerra, embora fossem resultados da organização militar ingleza, cujos defeitos não conseguiu corrigir o previdente patriotismo de lord Wellington.

Encarregou-se Mr. D'Israeli de taes accusações, e n'um discurso vehemente, que ridiculisava os calculos diplomaticos, defendeu o principio da guerra, que o ministerio accceitou adherindo como quem comprehendia que nisso estava a sorte da sua politica. Não abandonaram o cam-

po os partidarios da paz. A liga dos torys e dos fabricantes de Manchester atacava no mez seguinte a moção Baring pelos seus bens conhecidos caudilhos, M. M. Graham e Cobden, que novamente foram derrotados na votação unanime que facultou ao governo os meios e recursos necessarios para continuar a guerra até conseguir uma paz digna da nação britannica.

Coetanea d'estas manifestações na Inglaterra, apresentava-se a exposição universal de Paris, aberta pelo imperador a 15 de maio; grandioso espectáculo que as circumstancias tornavam unico em a historia. A França de 1789, a nação de 91, empenhada n'uma guerra a 800 leguas das fronteiras, ostentou-se ali dominante nas artes da paz, e cercada de quasi todos os povos do mundo, cujas bandeiras e galhardetes se desfaldavam no palacio da exposição. Grande o magnifico exemplo de quanto podem os povos quando abraçam a causa da justiça!

Voltemos os olhos para a Criméa. Achavam-se os exercitos sobre o Tchernaiá, linha divisoria que separa a parte do norte do lado do sul da praça; e os trabalhos do sitio avançavam lentamente, dirigindo os ataques sobre a Collina Verde, que foi tomada em 7 de junho, recebendo os russos immensas perdas e deixando 500 prisioneiros. Senhores d'esta posição os alliados julgaram que era facil empreza obrigar a renderem-se o Redente grande e o baluarte Korniloff, bastando que as columnas assaltassem protegidas pelo fogo geral das baterias. A retirada de Canrobert, general em chefe, mostrou que o gabinete das Tulherias dando ouvidos aos sussurros da impaciencia approvára um plano redigido pelo marechal Pelissier, ao qual se conferiu o commando superior.

Prestes veio o fatidico boato do desastre do dia 18 commover o povo francez. Atacadas as linhas russas do Redente grande e da torre de Malakoff com o ardor impetuoso dos zuaves, pareceu por momentos assegurado o triumpho; mas, faltos de apoio os batalhões francezes e expostos ao fogo mortifero de baterias invisiveis que varriam os caminhos com uma chuva de metralha, cederam e retiraram-se deixando no campo para mais de tres mil mortos. Não eram mais afortunados os inglezes que detidos pela artilheria do Redente grande não pozeram remate á custosa empreza, nem prestaram aos seus alliados o apoio de que careciam para alcançar victoria, merecida pela coragem e impetuoso arrojio que os combatentes manifestaram.

Este desastre fez patente que a resistencia igualava os meios de ataque e que era indispensavel continuar com paciencia as obras de circumvallação, começadas havia outro mez e proseguidas com uma perseverança que recorda os fabulosos trabalhos de Hercules. A posição dos alliados não tinha soffrido alteração sensivel depois do frustrado assalto; senhores de Eupatoria, defendida pelas esquadras, com um pé em Tchernaiá e outro em Sebastopol, podiam desbaratar todos os projectos que o inimigo concebesse. As esquadrihas percorriam, entretanto, o littoral apoderando-se de Kertch e Yedi-Kalé, e destruindo todas as defezas do Mar de Azoff, varrendo da superficie das aguas a bandeira russa. Marienpol e Genitsch foram arrasadas, Anapa recebia nos seus muros os circassianos; por toda a parte o pavilhão alliado dominava nas costas e no mar, cuja posse não vinham disputar-lhe os vasos russos desarmados e escondidos ao abrigo dos fortes.

Não se descuidavam entretanto os governos: o de França pelo *Noniteur* chamava ás armas 140:000 sorteados no

mez de julho; decretava um empréstimo de 750 milhões; as duas nações garantem o empréstimo turco, e ao entrar do mez de agosto a guerra estava dilatada desde o Baltico ao Mar d'Azoff, apertando em seus anneis de fogo o autocrata, que sustenta a guerra, não em nome da honra offendida de uma potencia, mas pelas miras de um projecto ambicioso.

Não tinham dado signaes de vida as esquadras do Baltico; o poder marítimo das duas nações colligadas declarava-se impotente para atacar as formidaveis fortificações de granito, que os engenheiros russos haviam levantado em frente dos portos; se no anno anterior se tinha esfriado o ardor guerreiro de Napier, no seguinte o almirante Dundas mostrava-se recioso apesar de ter ás suas ordens as duas mais poderosas esquadras do mundo, e parecia disposto a limitar as operações a simples reconhecimentos, consequencia necessaria do bloqueio n'aquelles mares. Sem embargo d'isso, indicava-se outra operação como resultado do movimento das esquadras; a opinião publica demandava factos que fechassem a campanha naval no anno com bizzarria e credito para a bandeira ingleza, com alto e bom som apregoavam os jornaes de Londres. A rainha Victoria acompanhada de seu esposo o principe Alberto deixava as margens do Tamisa para visitar as dô Sena, e ajoelhar em S. Germain ante o sepulchro de James 2.º no 1.º de setembro, e admirar com respeitoso recolhimento os destinos dos povos sob a magestosa cupula dos 'Hotel des Invalides'. N'estes momentos de emoções para a França, que via pela primeira vez nas suas idades a virtude coroada rendendo cultos aos martyres do throno de Inglaterra e ás glorias do imperio, annunciou o telegrapho que as esquadras bombardeavam Sweaborg, destruindo os navios russos e os fortes da praça em 10 d'agosto, feito de resultados desastrosos para a Russia, de perdas graves para as esquadras, e que não corresponde ás esperanças fundadas nos meios que se empregavam.

Em Sebastopol tornava-se cada vez mais critica a posição dos sitiados, que se dispozeram a atacar as linhas de circumvallação, passando o Tchernaiá com grossas divisões, que depois de involverem os piemontezes cahiram sobre os sitiadores para os obrigarem a levantar o assedio. O exito d'esta batalha em 16 d'agosto, a qual tomou o nome de Traktir, deu testemunho da valentia das tropas alliadas, cujas bayonetas rechacaram o inimigo, causando-lhe enormes perdas. Desde esse dia conheceu Gortschakoff que se ia aproximando muito o termo d'esta campanha. Preparada uma ponte de barcas e jangadas para se retirarem no caso de assalto não repellido, aprestaram-se os russos para uma defeza desesperada, uma esperança que lhes restava para salvar o seu pundenor militar. Pela sua parte, o marechal Pelissier tomava as medidas mais acertadas seguro de assenhorear-se de Sebastopol no momento em que os seus soldados tivessem engravado a artilheria da torre de Malakoff.

Cinco assaltos consecutivos foram dados no dia 8 de setembro contra as posições russas, e ainda que cinco vezes repellidos em toda a linha, a divisão do general Bosquet, que a victoria nunca desemparara em Alma, Inkermann, e na Collina Verde, conseguiu arvorar sua bandeira no baluarte Korniloff decidindo o exito da tentativa.

Continúa.

M.

VIACÃO INTER-NACIONAL.

Os ajustes que se diz foram encetados pelo ministro da fazenda, o sr. Fontes Pereira de Mello, na sua recente ida a Inglaterra e França, para a continuação da via-ferrea de Santarem á fronteira de Hespanha, suscitam a esperança de que em breve veremos começar aquella linha, que, continuada a Madrid, e d'ali a Bayonna, tão transcendentos resultados ha de trazer a Hespanha e Portugal. Por isso julgamos agora opportuno dar conhecimento ao publico, d'um artigo que o sr. Marcoartu, engenheiro hespanhol, publicou ha tempos n'um jornal d'aquelle paiz, sobre a importante questão da largura que para o ferrocarril deve adoptar-se na Península.

Em Hespanha fixou-se a largura de 6 pés castelhanos, ou metros 1,69; attendendo-se mais a considerações theoricas do que a conveniências praticas. Em Portugal optou-se pela largura de metros 1,44, que é, com raras excepções, a de todos os caminhos de ferro europeus e americanos. O habil engenheiro hespanhol, demonstra evidentemente, segundo nos parece, os inconvenientes da falta d'uniformidade na largura da via ferrea, e as vantagens que haveria se em Hespanha, a reduzissem á que foi estabelecida em França e Portugal.

O sr. Marcoartu dizia, que os governos portuguezes e francez, já haviam solicitado do de Hespanha a solução d'este negocio, no sentido que elle julga mais conveniente aos interesses sociaes, economicos e politicos dos povos europeus. Não sabemos se já nisto se resolveu alguma coisa; mas em todo o caso julgamos digno de publicidade e attenção o artigo a que alludimos, e damos em seguida.

C. J. CALDEIRA.

I

«No fim do seculo passado assentou-se o primeiro carril de ferro nas minas de carvão de pedra da Escocia, com a largura de 3 pés e 6 pollegadas inglezas, augmentada depois até 4 pés.

Em 1827 inauguraram-se os carrinhos de ferro na Pensilvania, (America do Norte) com 4 pés e 6 pollegadas de largura.

Em 1828 construiu Stephenson a linha de Liverpool a Manchester, primeira de viajantes, com a largura de 4 pés e 8 e meia pollegadas inglezas.

Nos seis annos seguintes todos os caminhos de ferro de Inglaterra tiveram aquella largura em virtude dos bons resultados que produziu.

Em 1830 os Estados Unidos adoptaram a via Stephenson.

Em 1834 começou-se a construcção dos caminhos de ferro belgas com a mesma largura (1 metro 44 centímetros).

Em 1835 a França e a Alemanha seguem o exemplo da Belgica, e Brunel cria o carril de 7 pés inglezes de largura entre Londres e Exter no *Great Western Railway*.

Em 1836 concede o parlamento inglez o caminho de ferro de Londres a Yarmouth de 5 pés, o de Dundee a Arbroath na Escocia, de 5 pés e 6 pollegadas, e os irlandezes de Belfart a Armagh de 6 pés e 2 e meia pollegadas, e de Dublin a Drogheda de 5 pés e 3 pollegadas tudo medidas inglezas.

Em 1837 a commissão de caminhos de ferro de Irlanda recommenda a largura de 6 pés e 2 pollegadas inglezas.

Em 1838 abre a Hollanda as suas linhas ferreas com a largura de 1,93 metros.

Em 1842 Pambaur e Bineau pedem que se alargue a via franceza até 1,60^m. e dá-se principio na Russia ao caminho de ferro de S. Petersburgo a Zarshoc Sello com 1,83^m de largura.

Em 1844 os pedidos de linhas ferreas feitos em Hespanha por diversas companhias suscitam a questão da largura da via. Uma distincta commissão d'engenheiros propõe e o governo approva, em 31 de dezembro do mesmo anno, que a largura da via hespanhola fosse de 6 pés castelhanos.

Em 1845, em consequencia de haver o parlamento inglez concedido a construcção da linha de Oxford a Wolverhampton, encontram-se dous caminhos com diversas larguras, e origina-se a grave questão de uniformar as suas vias ferreas, e estender esta resolução a todos os outros caminhos da Gran-Bretanha. A commissão nomeada para estudar a questão propõe, no seu primeiro artigo, que o parlamento decreta a adopção da largura de 4 pés e 8 e meia pollegadas em todos os caminhos em construcção, e nos que houvessem de construir-se.

Em 1848 novas sugestões dos partidarios da via de 7 pés motivam uma luminosa informação parlamentar, onde concorrem com seus estudos e paixões rivaes os primeiros engenheiros do Reino-Unido. Posteriormente emprega-se na India a via de 5 pés e 6 pollegadas inglezas de largura.

Em resumo, eis a serie crescente da largura da via ferrea:

| Medidas castelhanas | Medidas inglezas | Medidas metricas. | OBSERVAÇÕES. |
|---------------------|------------------|-------------------|--|
| Pés | Pés Pol. | | |
| 3,82 | 3 6 | — — | Nas minas, da Escocia. |
| 4,91 | 4 6 | — — | |
| 5,13 | 4 8 1/2 | 1,44 | Mais geral na Inglaterra, póde dizer-se unica nos Estados-Unidos, exclusiva na Escocia, França, Belgica, toda a Alemanha, Italia, Suissa, Portugal, e conhecida por <i>via estreita ou rotineira</i> . |
| 5,45 | 5 0 | — — | Adoptada ao principio em Eastern, Countico e Blacwal, Bailway. |
| 5,73 | 5 3 | — — | Empregada na Irlanda. |
| 5,74 | 5 3 | 1,60 | Proposta por Bineau. |
| 5,82 | 5 4 | — — | Construida na Irlanda. |
| 6 | — — | — — | Comçada na Hespanha e na India. |
| 6,002 | 5 6 | — — | Na Escocia (Dundu a Arbroath) e Irlanda. |
| 6,46 | 5 11 | — — | Theorica de W. Cubitt e Vignaley. |
| 6,54 | 6 0 | — — | De New York and Erie Railroad. |
| 6,57 | — — | 1,83 | A Russa. |
| 6,75 | 6 2 1/2 | — — | Via parlamentar da Irlanda. |
| 7 | — — | 1,95 | A hollandeza antiga. |
| 7,64 | 7 0 | — — | Via larga ingleza. |

Importa agora fazer notar que a linha escocesa de Dundu a Arbroath tem hoje 1,44^m; que na Inglaterra todas as vias de diversas larguras foram deduzidas á largura de 1,44^m; que no Gran Ducado de Baden se transforma n'esta a sua antiga via de 1,65^m; impondo as camaras ao paiz um dispendioso sacrificio para conseguir este fim; que a Hollanda tambem abandona a sua antiga via de 1,95^m, e aceita a de 1,44^m no tratado celebrado com a Belgica, para a construcção de um caminho de ferro internacional; e que pelo contrario nenhuma via de 1,44^m tem sido alargada.

Convem acrescentar que quando em Inglaterra em 1845 começou a guerra entre a pequena e a grande largura da via, a extensão dos caminhos de ferro explorados, em construcção e projectados de 1,44^m de largura (5 1/2 pés castelhanos), era muito maior do que a dos que tinham 2,23; pertencendo hoje das 40:344 milhas inglezas de caminhos de ferro que a Gran Bretanha possui, 36:000 á pequena largura de 1,44^m, e póde prever-se com segurança que o tempo ha de fazer d'esta largura a universalmente adoptada no Reino-Unido, a unica em Portugal, França, Belgica, Hollanda, toda a Alemanha, Dinamarca, Italia, Suissa, e em quasi todo o continente americano onde as companhias do Norte, em completa liberdade d'opção a acceitaram unanimes.

II

A investigação da distancia que hade separar as barras de um caminho de ferro, ou a largura da via, é uma questão mui complexa, e como todas as de sciencias physico-mathematicas, em que se envolve um ponto economico, não pode dar-se resultado directo.

Não haverá difficuldade em comprehender que a largura da via e o traçado longitudinal do caminho tem uma reciproca dependencia, que a largura e as proporções das maquinas e carruagens, e bem assim o traçado tem entre si uma relação necessaria. É pois impossivel adoptar uma largura da via sem limitar de certo modo o traçado, e sujeitar as proporções das maquinas e carruagens. Não é difficil conceber a impossibilidade de determinar *a priori* o conjunto dos principaes elementos que comprehendem as proporções longitudinal e transversal d'um caminho de ferro, e as do seu material de transporte, para produzir o melhor resultado na locomoção.

D'aqui nasce o recorrer ao empirismo da sciencia; fazer hypotheses mais ou menos justificadas, arbitrar alguns elementos que permitam obter o valor d'outros com elles relacionados; submeter estes resultados a uma experiencia mais ou menos esmerada, e não podendo atacar de frente o problema, procurar resolvê-lo pelas leis de uma rotina que, ao parecer, sempre caminha para a perfeição.

A largura da via deve considerar-se em relação á das locomotivas e dos wagons. E a largura das locomotivas depende necessaria e reciprocamente do seu comprimento e altura; da altura, porque aquella largura deve variar com esta para conservar uma estabilidade dada com igualdade d'outras condições; do comprimento que tambem influe na estabilidade.

Em resumo ha tres condições a que deve satisfazer a largura do caminho; *estabilidade, força, e economia*.

A *Estabilidade* d'uma locomotiva ou d'um wagon depende da relação da sua base com a altura do centro de gravidade, e da velocidade; prescindindo das perturbações do movimento proprias da locomotiva. É evidente o vago d'este enunciado e o arbitrio com que se fixa a relação entre a largura e a altura para traduzir numericamente a condição d'estabilidade.

A *Força* d'uma maquina, em igualdade de systemas, provém da sua faculdade de vaporização. A maquina que mais vapor propuz em um tempo dado é a mais poderosa. A força de vaporização d'uma locomotiva está no volume do seu gerador de vapor. Para determinar a força das maquinas é mister attender não só á natureza do traçado, mas á do systema d'exploração que convem adoptar: hoje objeto de muitas controversias. Vemos pois que as dimensões da locomotiva, dependentes entre si, tem respectivamente uma serie de valores limitada pelas condições de estabilidade e de força impostas ao mesmo systema de maquinas.

Se ás anteriores condições acrescentarmos outra *economica*, qual é a de reduzir ao minimo os gastos de produção da força motriz, gastos que a experiencia traduziu d'um modo pouco concludente e uniforme na relação que póde haver no comprimento da locomotiva, e na sua acção transversal, ficará a indagação da largura da via com tres condições, e igual numero d'incognitas.

As condições que a largura das carruagens impõe á do carril, referem-se á segurança, commodidade e economia dos objectos transportados; e se a primeira tem bastante identidade com a sua hanaloga da maquina, a segunda, é diferente, e variaveis esta e a terceira em cada paiz podem modificar a solução do problema que em relação áquellas se obtivera.

De tudo isto se deduz que se se tivesse de fixar a melhor largura theorica dos carris de ferro, ella devia variar e ser distincta em cada linha, conforme o trafico e velocidade que tivesse, e ainda diversa para uma mesma linha, segundo o seu traçado e circulação, não uniforme em toda ella.

III

A uniformidade da largura da via ferrea em todos os caminhos de um estado, e ainda mesmo em paizes fronteiros, convem aos interesses politicos, sociaes, commerciaes, economicos dos povos; e a ella se deve sacrificar a exclusiva solução da theorica.

No interior d'um paiz permite utilizar em qualquer das suas linhas o material de todas, para transportar com celeridade o material e pessoal das tropas, sem desordem nem confusão.

Os viajantes e o commercio encontram muito maiores vantagens na uniformidade, porque ella evita para os primeiros encommodos e perdas de tempo, e diminue para o segundo as despesas de carga e descarga, deterioração, avarias e extravios.

Nos trens expressos importa não diminuir a velocidade com inúteis mudanças de carruagens, verificadas á pressa e que pela confusão possam separar cada passageiro da sua carruagem.

Nos trens mixtos de mercadorias e passageiros tem-se excedido varias vezes o tempo marcado pelo regulamento na transferencia das carruagens, occasionando transtornos que interrompem a regularidade do serviço.

Nos trens de mercadorias necessita-se d'uma certa composição da carga, e nem a ordem da colocação dos fardos, nem a sua disposição, são indifferentes para aproveitar melhor os wagons e não avariar os objectos transportados.

São inumeros os prejuizos que se originam da baldeação das cargas dos wagons n'um grande comboio. Se transportam gados, a mudança traz muitas difficuldades e inconvenientes; se transportam mineraes, a carga e descarga é muito custosa; e sendo carvão, ha uma grande quebra, que tem d'augmentar o preço do combustivel; se transportam madeiras, a sua mudança é extremamente morosa; se transportam finalmente maquinas de grande pezo, ou de delicada construcção, exigindo grande cuidado na sua collocção para se não avariarem, expõem-se grandes sommas n'esta mudança.

Estes serios inconvenientes fizeram dizer á commissão nomeada pelo Parlamento inglez «que a mudança de carruagens, wagons e *trucks* d'um grande comboio é um inconveniente de muita monta; porém quando se véri-fica de noite, é um mal intoleravel; e a commissão opi-na para que se formule legislativamente uma disposição «que evite similhante mal.» Sobre estas rasões, filhas da experiencia, um exemplo bem custoso veio demonstrar evidentemente as graves consequencias da desuniformidade da largura da via; o caminho de Birmingham e Bristol vio diminuir consideravelmente o seu trafico por variar a largura da via em Gloucester.

A uniformidade da largura da via ferrea entre estados vizinhos ha de reformar o actual regimen das alfandegas; é um laço mais intimo entre os povos, que tende para a fraternidade universal; é uma simplificação na industria dos caminhos de ferro, que póde influir no aperfeiçoamento da sua construcção e exploração, na segurança, commodidade e economia dos transportes.

IV

Como os nossos recursos são escaços, e grandes as necessidades que nos trouxe a civilização, as nossas despesas com os primeiros caminhos de ferro, sempre as mais custosas, devem ser muito calculadas. Como a nossa circulação é hoje diminuta, e tarde chegará a ser comparada com a dos caminhos de ferro inglezes, não necessitamos de vias de tanta resistencia, nem de maquinas de tão extraordinario poder. Como a velocidade dos nossos com-

hoios deve ser moderada, escusámos de ter uma largura de via maior do que aquella que permite sem risco algum a velocidade de 75 milhas inglezas por hora. Como o fabrico do nosso material se hade levar a cabo em paiz estrangeiro, ainda por alguns annos, onde não ha nenhuma via ferrea da largura da hespanhola, (6 pés castelhanos) é impossivel submeter as maquinas e carruagens a provas exactas e completas, até chegarem á Peninsula. Como o nosso interesse nos aconselha que saiamos do isolamento, importa adoptar a largura da via ferrea franceza, que é a europea.

Finalmente ainda que tenha para nós um primeiro e decisivo logar, como nossas sympathias e interesses ligados com Portugal indicam hoje como attentatorio ao destino marcado pela Providencia a duas nações irmãs, a falta da uniformidade do caminho de ferro peninsular, devemos acceitar em nosso territorio o carril portuguez, que é o mesmo que domina na superficie do globo.

As pequenas indemnisações que houvessem de conceder-se ás antigas companhias, pela redução da largura das suas vias ferreas, seriam despesas reproductivas e em breve excedidas pelas economias, que mesmo em igualdade de traçado, se não de conseguir com a diminuição da area de terreno necessario para o caminho, suas vias de resguardo, estações, obras d'arte, material e mão d'obra de terrenoplanamentos, travessas, coxins, carris e lastro, mudanças de vias e cruzamentos, baratesa e facilidade de compra de todo o material fixo e circulante. A isto accresce a economia do transporte de todo o material, e a que pode produzir a diminuição dos raios das coronas, que, com a largura de 1,44^m podem ser um pouco mais apertadas.

Acceitar esta largura, no caso d'uma invasão estrangeira pelos Pyreneos, Portugal e mesmo a Inglaterra poderiam offerecer-nos um prompto material d'auxilio; no caso de serem invadidas as nossas costas, ou a fronteira portugueza, o material belga, alemão e francez poderia socorrer-nos, e os nossos pedidos sempre encontrariam um grande mercado.

São innegaveis o maior poder e melhores condições da via larga para transportar grandes cargas, subir fortes rampas, e correr com mais velocidade; porem quando no caminho de ferro do norte em França, de 1,44^m de largura, uma locomotiva tira 500 a 600 toneladas, quando os maiores declives, que em nosso conceito não devem exceder-se, se encontram nos caminhos de pequena largura de Pariz a S. Germam, Lancashire and Yurkshire Kaihray, de Soemmering na Austria, de Turim a Genova, e dos Estados-Unidos; quando as locomotivas de Crompton e de outros sistemas não ficaram vencidas em carreiras mais velozes que as dos expressos de Great Western Railway, pelas poderosas maquinas d'esta via, seria mui lamentavel comprar as vantagens do carril hespanhol, hoje superfluas na maior parte, por um custo que podia applicar-se ao augmento das nossas linhas ferreas, em vez de levantar uma difficuldade nos Pyreneos e outra no Guadiana, que retardem o nosso progresso e engrandecimento.»

ARTURO DE MARCOARTU.

CHRONICA SEMANAL.

Na immensa galeria de quadros verdadeiros e immortaes, que nos legou *Molière*, retractando inteira uma epoca, notam-se dois bem caracteristicos e apreciados sempre, do que apparece agora copia entre nós. São os das *Preçieuses ridicules* e *Femmes Savantes*: os nossos originaes n'este genero são talvez mais pobres nos accessorios, mas semelhantes no fundo. O que hoje falta para attenuar com a graça o burlesco d'aquelles typos, é o donaire, a etiqueta, a mesura, a pompa do vestuario, tudo emfim o que poetisava a corte de Luiz XIV. Ficou só a caricatura descarnada, e uma caricatura ainda que excite o riso é sempre uma triste cousa no mundo moral.

As *Madelon*, *Philaminta* e *Cathos*, do seculo XVII, comparadas as do seculo XIX, dariam commentarios e um estudo philosophico, que encheriam um folio. Os *Trissotins* e *Vádios*, da mesma forma.

Asseveram-nos que alguém, tenciona encetar um trabalho novo, sobre estes originaes, na mesma intenção de *Molière* e sabemos que esse alguém conhece o mundo que se propõe descrever, e pôde fustigar poderosamente na satyra, as cabalas mesquinhas dos circulos da compadriche, que felizmente nos roge. Aos *Trissotins* sobretudo é preciso arrancar-se-lhes a mascara, e quando o povo os observar como elles são, hade bater as palmas e conhecê-los. É provavel que uma obra d'estas não chegue ao theatro, que tem as avenidas bem guardadas, mas hade viver no livro, e os retractados não perderão a immortalidade que lhes é devida.

Mademoiselle Roqueville, a sympathica e intelligente actriz, representou no seu beneficio duas lindas comedias, escolhidas do repertorio francez com gosto e acerto. Desempenhando em ambas, papeis de diverso caracter e indole, soube imprimir-lhes propriedade e relevo, mostrando a flexibilidade do seu talento que se presta igualmente a traduzir com verdade tanto a comedia como o drama. Sabe despertar o riso e as lagrimas, delectando umas vezes o espirito e fallando n'outras ao coração.

Todo o euredo do *Livre III Chapitre I.^o*, consiste no ciume exaggerado d'uma mulher, que nem sequer poupa o amigo do marido, julgando que lhe rouba parte do

seu affecto, obrigando-o a repartir as horas entre a amizade e o amor, procedimento este que o egoismo d'ella não pôde supportar. Uma tia versada na cartilha das estrategias femininas, indica-lhe n'uma carta o meio de evitar a presença do importuno, o que ella poderá estudar no *Gil Braz*, de Lesage no capitulo citado. Cheia de curiosidade, abre o livro, devora a pagina e iniciada no segredo, resolve pôr em pratica o arteficio que este ensina fingindo sentir o impulso d'uma paixão profunda pelo amigo do marido, revelando-lhe este sentimento, invocando o seu cavalheirismo, appellando para a sua honra e apontando como unico meio de salvação para ambos, elle partir e abandonar aquella casa. Ao ouvir semelhante declaração o amigo fica extatico e pensa estar sonhando. Mil.^o Roqueville, no principio d'esta scena foi bem, fez sentir á platéa o fingimento sem prejudicar a illusão que tinha de inspirar ao personagem que pretendia enganar; no fim porém excedeu-se alguma cousa.

Octave Dubourg instruido da verdade, pela carta da tia, que o acaso lhe ministra, jura vingá-se representando uma scena igual, e torpando mais delicada a posição de Lucile, que não sabe como hade saír d'ella, depois da revelação que tinha feito, auctorizando assim aquelle homem, a dizer-lhe coisas que nunca se atreveria a balbuciar, se não fosse o passo inconsiderado que houve da sua parte. Mr. Luguet, exaggerou bastante esta situação tirando a elevação á comedia, e dando-lhe um sabor comico muito pronunciado, que não está de accordo com o pensamento e idéa da obra. No momento em que Dubourg, se lança aespés de Lucile, apparece o marido, e complica-se a situação; este toma o caso ao serio por que o silencio da mulher sobre a causa da partida do amigo, despertou-lhe a desconfiança; o amigo julga tambem ver uma representação na colera do marido, applaude-o sorrindo, o que mais o exacerba, a ponto de o obrigar a levantar a mão sobre a fita que elle traz ao peito. É um traço delicado e nobre, este em que Dubourg exclama ao ver emmente a affronta: «*Ne plaisantez pas avec ces choses là.*»

Em seguida Dubourg pede perdão a Lucile da lieção que ousou dar-lhe; a carta da tia explica tudo ao marido, e a harmonia restabelece-se depois de mutuas convenções.

Les Souvenirs de Jeunesse, sem ser uma producção d'um grande valor litterario, tem comtudo bastante mérito, como obra de theatro, pelos bem combinados incidentes comicos e dramaticos de que está matizada, e pelo bem conduzido da acção que prende o interesse do espectador, sem o cansar nunca. Buscou a sua origem, na aventurosa e extraordinaria *Vie de bohème*, descripta com tanto espirito, por *Henri Murger*; vida toda ella de alternativas, de dissipação, de noites de orgia e de dias de angustia. Viver perfeitamente desconhecido e original, que nunca pensou senão no dia que está passando, e para quem o fatidico *amanhar* não existe.

É no *Caffé des Arts*, que se passa o primeiro acto. Ao levantar do panno está povoado de estudantes, de *grisettes*, de artistas, que contam as suas aventuras e procuram nas libações o esquecimento das amarguras d'aquella existencia desregrada. Para completar o painel, e realçá-lo, vê-se atravessar ao fundo a *grisette* laboriosa que vive honestamente do seu trabalho e que estremece á vista da dissolução, desvia os olhos e foge assustada. Um typo caracteristico e excentrico apparece então: é *Morisset*, homem de 50 annos, rico e independente, mas que tendo passado a sua mocidade ali, vem recordar esses dias tumultuosos e muita vez attribulados, renovando-os para encontrar uma illusão, que chora com saudade por que algum tempo foi realidade. E quem lhe havia de dizer no momento em que festejava mais uma dissipação, solemnizando a memoria, do passado, sua filha respondia aos insultos d'um homem, apresentando-lhe a corôa de perpetuas que ia depositar no tumulo de sua mãe, obrigando esse homem a curvar-se na sua presença. É um poema mudo e significativo este lance: é um rasgo dramatico e vigoroso. *Morisset*, tem uma expiação longa e dolorosa para remir aquelle erro. O sentimento da filha fecha-se ao nome de seu pai; os seus braços cahem desanimados á sua imagem. Ha uma lueta intima e suprema que a faz hesitar: é a lembrança de sua mãe, é o abandono em que a deixáram, é a miseria em que morreu.

Em todas as scenas de sentimento, mademoiselle Roqueville elevou-se a uma grande altura: sensibilidade atrahente, delicadeza de sentimento, verdade de inflexão tudo revelou. Teve lagrimas na voz, e sentio-as no coração; commoveu e arrebatou. E tudo isto sem affectação, sem esforço, sem exaggeração, naturalmente como a arte moderna exige. Tem por modelo a verdade; mademoiselle Roqueville soube ser verdadeira. O publico corôou-a de applausos, e sahio como nós convencido de que é o primeiro talento da actual companhia franceza. Seria uma injustiça deixar de mencionar o nome de *mr. Pescheux* como um dos que mais contribuiu por o bom exito da peça.

A mescla franceza que soffreu o nosso theatro normal, e de que já vivia no repertorio, veio agora augmentar-se uma nova, e esperamos que continuando assim brevemente realisar a camaleão, e será difficil averiguar a que paiz pertence. Cousas nossas. Referimo-nos á mescla hespanhola que nos parece ser presentemente a mais predilecta ali. A Iberia começa a manifestar-se, no theatro do governo, aonde se não consentem allusões politicas. Historia tudo. Representou-se ultimamente na scena portugueza uma traducção do castelhanos (para evitar repeti-

ções) *O Primo e o relicario*, que basta vê-la, para ninguém contextar a que nação pertence. É um tecido de disparates que divertem e provocam o riso a principio, mas que a final cañam pela propria demasia. A parte do myope, á qual o sr. Roza deu realce e caracterizou com felicidade, torna-se monotona, por ser victima sempre do mesmo equívoco, que consiste em trocar os personagens com quem conversa, isto durante tres actos consecutivos, o que prejudica o effeito por não haver já surpresa para o espectador. Fizemos esta observação ouvindo-a representar, e o publico sancionou-a na frieza com que recebeu o terceiro acto. Tanto a sr.^a Delfina como o sr. Theodorico e Cezar, fizeram todos os esforços para tirarem partido das situações comicas, o que o publico reconheceu applaudindo-os.

Um dos nossos primeiros escriptores dramaticos, o sr. Mendes Leal acaba de escrever um drama para ser representado no Brazil. Intitula-se *O Capitão Urgel de Camprodon*, drama em 3 actos, precedido de *Ostetric*, o *Mosqueteiro*, prologo. O prologo passa-se no 1.^o de Dezembro de 1640, no dia da revolução da independencia, o drama quasi um anno depois, nos primeiros movimentos da guerra da aclamação. Tem variedade de lances e novidade de situações. O protagonista é um typo d'aquella raça de aventureiros que de Alemanha e Italia vieram á Peninsula sob o impulso de Carlos V, muitos dos quaes depois se congregaram em Lisboa para a infeliz expedição de Africa, e cujas tradições se perpetuaram até que o exercito portuguez tomou uma forma mais regular nas mãos de Schomberg.

Thalberg deu já dous concertos no theatro de S. Carlos: foram duas noutes deliciosas e que não de lembrar no futuro com saudade. O pianno, falla, murmura, chora e suspira ao contacto d'aquelles dedos magicos, que correm pelas téclas, parecendo roçal-as apenas, mas arrancando-lhes torrentes de harmonia que se condensam ao fogo da inspiração, elevando-se ás nuvens, e cahindo depois em perolas crystallinas e puras. Por uma transição insensível, mas sustentada e crescente, passa do pianno ao *fortissimo*, do affago á ameaça, da serenidade ao trovão, sem esforço e naturalmente.

Mad. de Girardin, a espirituosa escriptora, classificou uma vez os piannistas mais notaveis da seguinte maneira: Thalberg, é um rei; Listz, um propheta; Chopin, um poeta; Hertz, um advogado; Kalbrenner, um menestrel; Mad. Pleyel, uma sybilla; Mayer, um furacão; Döhler, um piannista.

Nós accrescentaremos aos dous que conhecemos um titulo mais, sem offensa do terceiro que não ouvimos e a quem vamos tirar-o: Thalberg é um rei-poeta, Listz um poeta-propheta. A poesia na musica, é a nosso ver, uma qualidade indispensavel, e foi essa uma das bellezas que os dous artistas nos reveláram, porque a pressentimos em ambos, quando os ouvimos, ainda que por differente forma: Thalberg fez-nos ouvir a lyrica; Listz, a epopéa.

ERNESTO BIESTER.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

L. A. REBELLO DA SILVA.

IV

A Mocidade de D. João V é até hoje uma das obras mais importantes de Rebello da Silva. Não diremos que é a ultima expressão do seu talento, por que um engenheiro como elle, não se sabe onde pára, e tem o infinito por horizonte. Todavia apparece já ali, a madureza de um estudo que apurou a véa na mais escolhida lieção.

Os quatro tomos de *Mocidade de D. João V*, encerram mais erudicção verdadeira, mais aguda analyse, mais sagacidade investigadora, mais profundo conhecimento d'uma epocha do que muitos folios volumosos. É dos livros ráros em que os personagens vivem de sua vida propria.

Ha ali figuras de um esmero e correcção de desenho que o proprio Walter Scott invejára. O Padre Miguel Angelo Tamburini, Diogo de Mendonça e o Vedor de D. Pedro II são d'este numero.

Ha scenas em que o vigor do toque temperado a espasmo d'uma graça que arrebatava vai ao coração verdadeiramente. O leitor esquece-se da ficção e existe com a realidade.

A idade que principia com o moço rei e o velho Portugal de 1640 que termina com o reinado de D. Pedro II levantam-se n'aquellas paginas em traços que ham de viver sempre. Poucas epochas da nossa historia se prestam tanto ao romance e á comedia como aquella. O reino poderoso pelas suas colonias era ainda contado como potencia, influa nos destinos da Europa, e punha os nossos homens e as nossas cousas ao nivel de todos os homens e de todas as cousas grandes. Ha um que, do seculo de Luiz XIV no apparatuso reinado de D. João V. O estadista serio ainda não era um mytho nas nossas individualidades dominantes. Concebiam-se e ousavam-se altas emprezas, e a intelligencia pairava em regiões grandiosas. A Sociedade tinha uma feição particular, mas tinha-a. Na intriga politica havia aspirações nobres. Não se tinha inventado ainda a fantasmagoria ostentosa para substituir elevadas realidades.

Rebello da Silva classifica, dispõe e combina os elementos históricos de sua acção, com mão familiar e com um tacto supremo. Ve-se que está na intimidade dos acontecimentos e dos caracteres, e que a sua perspicacia não deixa nenhum vão sem luz. Não são unicamente alguns retratos: é todo um modo de ser social que resurge com as suas feições mais características.

A influencia da Companhia de Jesus, espirito occulto que anima toda aquella epocha, as suas luctas e as suas aspirações com o sonho do *Quinto Imperio*, celebre nas trovas dos prophetas populares, são ali pintadas como as pintam os mestres. Aquelles missionarios que sob a sua acção tremenda e secreta abrangiam o mundo, aquella abnegação da unidade do homem convertido em parcella apenas da unidade da instituição, aquelle mixto de grande saber, de grandes virtudes, de intelligencia potente, e de illimitada ambição; aquella indifferença dos meios, que orça pelo crime para só attender aos fins são resumidas no Padre Ventura, o Geral do Instituto com uma energia e elevação que deixa poucos competidores.

Rebello da Silva quando principiou a escrever a *Mocidade de D. João V*, vê-se, lendo com attenção os dous primeiros volumes, que a sua idéa era mais traçar um romance no genero de *Scarron*, entrelaçando a satyra e o ridiculo, do que dar-lhe as proporções largas e grandiosas que mais tarde ganhou, elevando-se gradualmente e assumindo no fim o vulto d'uma vasta concepção.

O que reservava para incidente, tornou-se parte principal, o lado serio venceu o jocoso, as lagrimas esconderam o riso; o que começou n'um brinquedo acabou n'uma obra prima.

Mancjando com igual facilidade o pincel de *Rubens*, e o lapis de *Gavarni* os retratos saem-lhe bellos e inspirados como ao primeiro: característicos e originaes como ao segundo.

O capitulo das *Tres Graças* é um formoso quadro, delicado nos toques, esplendido na cor, rico d'inspiração, e exhalando um perfume de idealidade que o realça sem o privar de verdade.

São paginas como as escrevia Walter Scott, quando traçava com mão de mestre e o genio do artista, essas creações femininas, rodeadas de prestigio, cercadas d'uma voluptuosidade transparente e diaphana, que falla ao coração antes de incendiar os sentidos; que vivem no pensamento das gerações futuras gravando-se na memoria e passando em tradição como symbolos.

Cecilia, Thereza e Catharina, formam um grupo poetico, illuminado pelo primeiro raio de amor que entrou no coração das tres donzellas, e que se lhe espargem nas fisionomias segundo a indole e temperamento de cada uma, n'um sorriso, n'uma lagrima e n'um suspiro.

Cecilia é a mulher, que resumiu a sua vida n'um affecto, a sua esperança n'um sonho, o seu futuro n'um tormento, mas que não hezita nem fraqueja em frente do martyrio; cre e morre santificando assim a sua alma e elevando-a para Deus. A resignação e o amor revelam em Cecilia o anjo, e no anjo descido á terra um character excepcional e bem raro que de fragilidade levanta o heroismo. Sorriu á paixão e esta empallideceu-lhe e desbotou-lhe mais tarde o sorriso, suffocando no coração as lagrimas dolorosas e ardentes sem as deixar correr pelas faces.

O character de Thereza é diverso; tem a fragilidade propria do geral do sexo, hezita e vacilla, estremece e assusta-se á menor contrariedade. Falta-lhe o valor e a



L. A. Rebello da Silva

resolução para a lucta; desanima em frente do martyrio. Sabe amar tambem, sabe sentir, mas deixa consummír a chama que lhe devora a alma, sem coragem para a atear, receando que se veja o clarão.

A facil realisação que D. Catharina encontra no seu amor, primeiro e unico da sua vida e que logo no principio do romance se mostra esperançoso e lisonjeiro, não permite julgar-se do esforço do seu coração para a lucta, por que nunca a experimenta.

Na amizade porém levanta-se cheia de dedicação e de extremos, consolando e enchugando as lagrimas que presentira e que tinha buscado evitar.

Houve quem arguisse uniformidade n'estes tres caracteres das donzellas. Não nos parece justa a accusação. Estudando-os bem, vê-se que estes typos foram concebidos separadamente e que se procurou dar a cada um a sua individualidade. O estudo philosophico não foi á nosso vêr desprezado pelo author da *Mocidade de D. João V*, tentando mostrar-o na fisionomia distincta, que imprimio a cada uma das donzellas, com profundo conhecimento do coração humano.

A alma de todas trez é boa e generosa, a indole e tendencias é que são diversamente manifestadas. Apresentou o bem nas diferentes e variadas formas em que se pôde revelar, e a virtude sob diversos aspectos. As *Aspasias*, *Phrynés* e *Lais*, não o inspiraram, e a sua phantasia buscou os modelos na mulher que não conhece a perversão.

O sacrificio infinito de Cecilia é o complemento do seu character, e por isso mesmo que foge ao impulso natural da paixão, se torna mais elevado e engrandece duplicadamente o seu heroismo. Julgar impossiveis actos d'estes é absurdo: preferir e deleitar-se mais com a cegueira da paixão, que desvaira e leva a commetter o crime, com a desculpa do amor é vêr a humanidade pelo lado peor.

Se as palavras traduzem os sentimentos parece-nos que em todas as conversações e scenas em que as donzellas fazem as suas confidencias, os caracteres estão defini-

dos. E uma das maiores bellezas do romance são estes dialogos singelos e tocantes, faceis e correctos.

Rebello da Silva provou ter feito um grande estudo sobre esta fórma da arte, dando o cunho verdadeiro da conversação e timbrando em ser natural.

Alexandre Dumas, que na nossa opinião é um modelo do genero porque ninguem combina o espirito e a paixão com tanto acerto, lendo-se sempre com prazer, sem cansar nunca, divertindo umas vezes e sensibilizando outras, julgamos ter sido o seu mestre.

Conservando a pureza da lingua, Rebello da Silva soube realçá-la e torná-la flexivel, evitando-lhe a affectação que a prejudica.

Mas o vulto principal da obra é o Padre Ventura; a roupeta do Jesuita envolve e esconde os outros personagens, como influe e impera nas suas acções. Domina o quadro, subjugando todos a si. Impassivel como o destino, forte como a creença, astucioso como um italiano, senhor de segredos importantes, resolute e audaz, não estremece diante do perigo exalta-se uma vez a braços com elle. As forças não se lhe exgotam nunca, os meios sobram-lhe sempre, até alcançar a victoria. Recúa como o tigre e brinca com a victima antes de lhe dar o golpe fatal. Não dobra a fronte nem ao rei, não vacilla na sua presença, não adoça a palavra, não sujeita a opinião, não duvida mesmo formular a censura e cruza os braços, esperando firme a sentença. O prestigio da realza e o sol da magestade não lhe fazem baixar os olhos, fita-os sem

mêdo e supporta imperturbavel os seus raios.

Vio muita vez a morte de perto, para a poder temer, quando buscava hastear a cruz ainda florescente, e fazer ouvir a voz do Evangelho na America, na Asia, no Japão e nas regiões mais barbaras do Universo, regadas pelo sangue de tantos martyres, que como elle lá foram pregar a fé:

Foi esta concepção vasta e elevada do character do Padre Ventura, que obrigou Rebello da Silva a sahir da senda trilhada no principio da obra e a engrandecer a sua composição. O pedestal era pequeno e acanhado para aquelle colosso, teve de augmentar-lhe a base, elevando-a igualmente ás proporções necessarias. O livro ressentese d'esta transição.

Miguel Angelo Tamburini, revelando-se no conselho secreto, Geral da Companhia, noticiando o fallecimento de Tirso Gonçalves, o effeito que produziu a apostrophe energica que precedeu esta declaração, está tudo descrito em traços profundissimos e inimitaveis. Nas palavras do Padre Ventura transluz toda a erudicção e perfeito conhecimento da politica jesuitica, que Rebello da Silva possui, revestidas das galas e pompas da sua eloquencia. O Geral da Companhia lendo o futuro nas folhas ainda enroladas da historia, e prostrando os accessores aos pés confusos e atterrados pelo clarão da sua immensa intelligencia, e pela pintura verdadeira que lhes fazia nas palavras que lhe sabiam do coração, é um rasgo que dá a medida do individuo.

Quando mais tarde n'um momento de amarga expansão o homem resuscita debaixo da capa do missionario, para recordar os sonhos e illusões da sua vida, esquecendo-se momentos da tunica em que vive amortalhado, é um incidente natural e delicado que completa o vulto transparente do Jesuita.

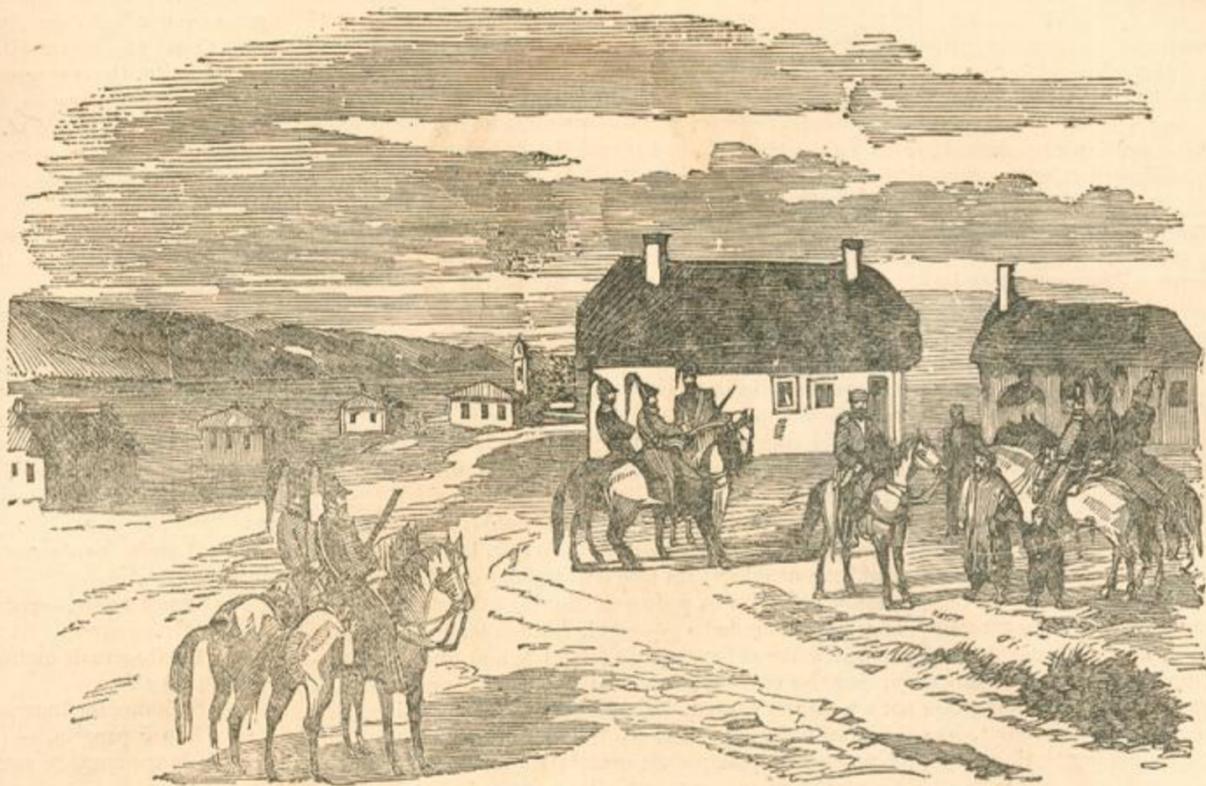
ALDEIA DE PETROWSKA.

O Dnieper é um caudaloso rio da Rússia Europea, que os antigos conheciam pelo nome de Borysthenes; tendo o seu nascimento ao nordeste do governo de Smolensk corre primeiro de leste, a oeste atravez de diversas provincias, depois toma a direcção do sul, e passando pelas de Kherson e da Taurida vae desembocar no mar Negro formando um vastissimo golpho, ou para melhor dizer immenso lago que denominam *liman*, e demora á direita de Odessa olhando para o norte.

O *liman* é defendido da banda do largo por um longo e estreito promontorio, paralelo á praia, na extremidade do qual está Kinburn, que na campanha do passado e antes de metter-se o inverno foi tomada pelos navios alliados, deixando n'aquelle forte uma guarnição franceza. Dentro d'esse lago, entre o Dnieper e o Bug e proximo á confluencia d'este com o Ingul Weliki, está situada Nicolaieff, abrigada dos ventos do sul e d'oeste: cidade de 30:000

almas, e um dos importantes arsenaes de construcção para a marinha militar russa no mar Negro; por quanto a sua collocação é a mais adequada para receber as madeiras e as materias primas do fabrico, tanto por mar, como por aquelles tres rios caudaes e pelos numerosos afluentes do Bag.

A entrada do porto é defendida por duas fortalezas salientes, a de Kinbura acima mencionada, ea de Otchakoff na opposta margem direita com um intervallo de tres leguas pouco mais ou menos. A sete milhas de distancia de Kinburn está a povoação de Petrowsha que a nossa estampa representa.



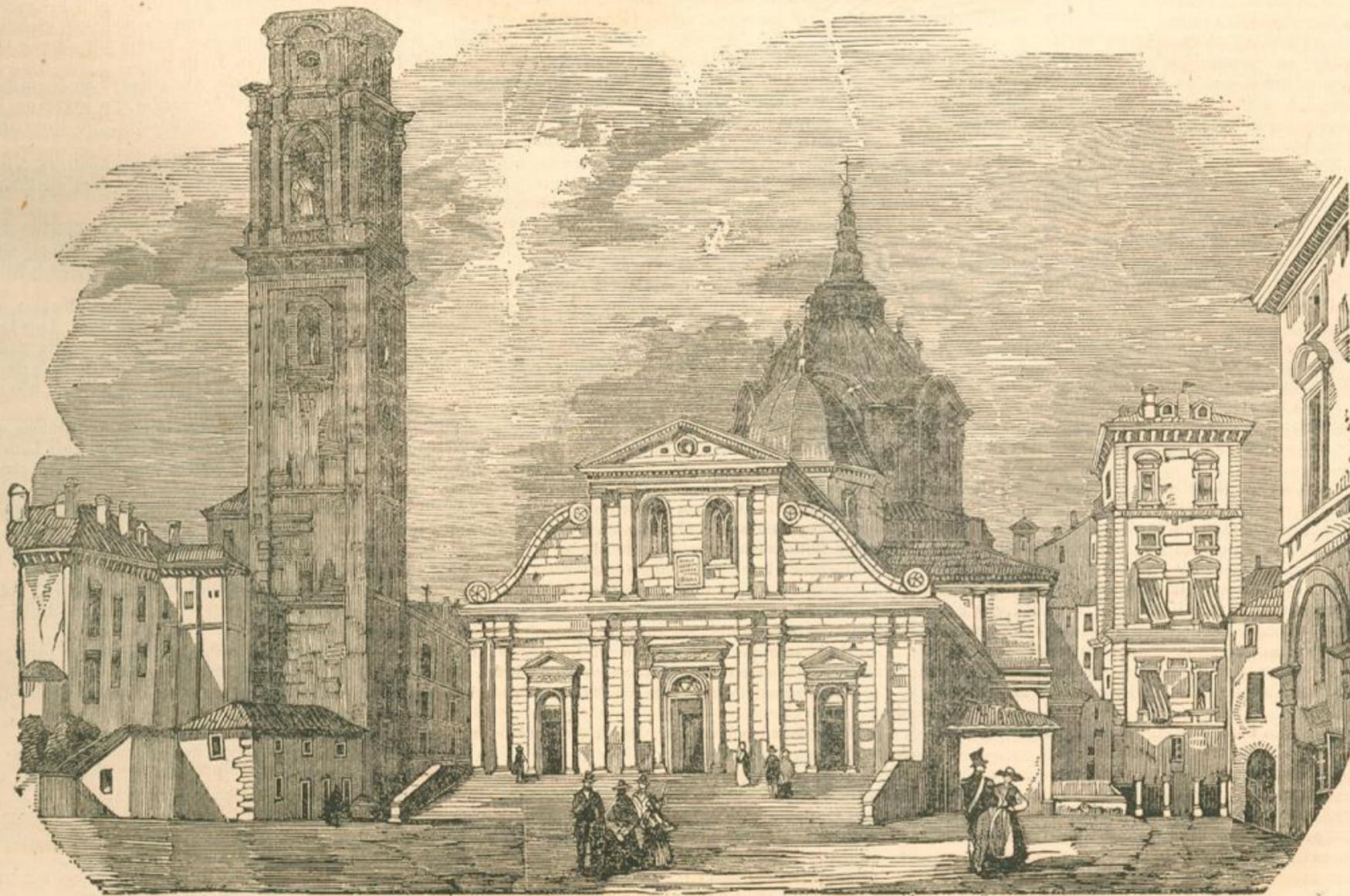
Aldeia de Petrowska.

CATHEDRAL DE S. GIOVANNI EM TURIM.

Damos hoje uma vista de Turim, capital dos dominios sardos, e uma das mais floresentes cidades da Europa. Está situada na margem esquerda ou occidental do Pó, n'um amplo e fertil valle. Turim é das cidades europeas edificadas com maior regularidade; muitas ruas são perfeitamente alinhadas, cortando-se umas ás outras em angulos rectos. As praças são em geral de boa apparencia e regulares. Os edificios, ainda que macissos e pezados, pode-se affoutamente dizer que são planos. A cidade era antigamente rodeada de baluartes, mas arrasaram-nos ha

pelo architecto Alfieri. Outro edificio notavel de Turim, é a universidade, levantada por Victor Amadeu, no principio do XVIII seculo. Turim tambem contem grande numero de igrejas, todavia, poucas são notaveis pela sua architectura.

O castigo mais rigoroso que Deos, n'este mundo impoz ao homem, é incontestavelmente o remorso da consciencia; quando esta nos accusa de ter praticado mal são baldados todos esforços para encontrar felicidade sobre a terra, pois que, ou notumultuar de sumptuosos festins, ou no requinte dos gosos da vida, lá vem á consciencia o remorso e com elle a idéa da eternidade. B.



Cathedral de S. Giovanni em Turim.

ROMANCE.

IR A ROMA E NÃO VER O PAPA.

(AVENTURAS DE UM CAÇADOR.)

CAPITULO III

De como o sr. Luiz Louet andou quinze horas atrás d'um melro.

Satisfatoriamente preparado, e previamente munido da necessaria dose de gravidade, o illustre rebecão grande começou n'estes termos:

—De certo, não ignoram, meus senhores, que todo o marselez nasceu caçador.

—Não ha duvida, — interrompeu Méry, pondo ao lado o charuto que substituiria á pitada. — É um phenomeno physiologico singular, tão singular que nunca sube como havia de explical-o; mas incontestavel. Altos juizes de Deos!

—Desgraçadamente, — continuou o sr. Luiz Louet armando-se de nova solemnidade, — desgraçadamente, ou antes felizmente, pois que se tracta de um flagello da humanidade, não temos leões nem tigres no territorio de Marselha. Para compensar esta falta temos porem a passagem dos pombos bravos.

—Então! — observou Méry para Dumas. — Que lhe dizia eu? Não se lhes tira da cabeça.

—Tirar-se-nos da cabeça o que! — atalhou o caçador veterano, visivelmente picado do commentario. — Que se nos ha-de tirar da cabeça? Sei muito bem que ha incredulos; mas, por mais que digam, os pombos bravos passam. Não foi o sr. Méry mesmo que me emprestou, ha dias, aquelle volume de Cooper, que tem por titulo os *Arroteadores*?

—Fui.

—Como novella é semsabor...

—Semsabor um romance de Cooper!...

—Para mim é... Mas como livro de instrucção é precioso.

—E que instrucção colheu dos *Arroteadores* de Cooper?

—Achei uma passagem que confirma a dos pombos bravos.

O sr. Luiz Louet sorriu a si mesmo de complacencia incantado de haver descoberto este raro, ingenhoso, e novissimo trocadilho, tam familiar e grato ao espirito francez.

Méry ponderou-lhe:

—Confirma a passagem dos pombos bravos, certamente, agora me lembra; mas confirma-a na America.

—Isso mesmo, — tornou o sr. Luiz Louet triumphante. — Se elles passam na America por que não hão-de passar em Marselha? Os navios, que vão de Alexandria e de Constantinopola em direcção aos Estados-Unidos, passam exactamente pelo nosso porto. Sendo o caminho dos navios, não me parece grande admiracão que o seja tambem dos pombos bravos. Que tem que dizer?

—Nada, — retorquiu Méry constricto e convencido sob o peso da conclusão. — Acho-lhe perfeitamente rasão. A isso não se responde. Onde tinha eu a cabeça que nem me occorria tal! Desculpe sr. Luiz Louet. Não o torno a contradizer em similhante assumpto.

—A discussão é livre, sr. Méry, — ponderou com magestosa tolerancia o magnanimo rebecão.

—Mas eu encerro-a, — accudiu o poeta. — Desisto da palayra. Queira continuar.

—Como ia'dizendo, — proseguiu o sr. Luiz Louet, cingindo mentalmente os louros d'esta vantagem, levada de assalto logo no primeiro encontro, — como lhes ia dizendo, á falta de tigres e leões temos a passagem dos torcazes.

Aqui, o sr. Luiz Louet fez pausa, encarando Méry, como para ver se este ousava contestar ainda.

Méry, pelo contrario, inclinou-se com modo approvativo, dobrando a cabeça em signal de pleno assentimento, dizendo:

—Não ha duvida nenhuma; teem a passagem dos torcazes.

O sr. Luiz Louet, satisfeito d'esta confissão em attestado á sua victoria, continuou:

—Já podem ver se um verdadeiro caçador deixa passar a epoca da passagem dos torcazes, sem ir todas as madrugadas postar-se nas esperas. Por felicidade, como só ás noutes fosse occupado no theatro, podia dispôr das manhãs, e tinha os dias livres. Ora, em 1811, — a historia é d'essa epoca, — contáva eu os meus trinta e cinco annos; estava, por consequencia, na força da idade e na plenitude do vigor, e era muito mais agil e robusto do que sou hoje, posto que, louvado Deus! ainda me não troco por muitos.

O auditorio aprovou com rara unanimidade de sentimentos.

O sr. Luiz Louet foi por diante:

—Uma alvorada, antes de romper o dia, estava eu na espera, como costumava. O meu pombo domestico, preso á vara, voava e revoava como um desesperado. N'isto pareceu-me ver, á claridade fugitiva das estrellas:

Que da Aurora nos braços desmaiavam!

—Bravo, sr. Luiz Louet! — bradou o côro dos convi-

vas n'um unisono estrepitoso. — A idea é poetica, a citação feliz, o verso admiravel.

—Não é meu, — accudiu o illustre rebecão grande com a modestia do verdadeiro merito. — Dizem-me que veio de Hespanha, ou de Portugal, não sei bem. Como não ignoram, todos os povos meridionaes são inclinados á lingua-gem florida, e a teem em grande apreço intendendo-se mutuamente... Vamos porem ao caso. Como lhes ia dizendo, pareceu-me ver á claridade duvidosa das estrellas o que quer que fosse, pousado na rama de um dos pinheiros, a que estava atada a armadilha do chamariz. Infelizmente não podia distinguir ainda se era um morcego ou outra cousa. Deixei-me estar queto; o animal fez o mesmo. Esperei que se levantasse o sol, preparado para o que podesse acontecer.

Aos seus primeiros raios certifiquei-me que era um passaro.

Fiz as minhas disposições com prudencia. Metti a arma á cara sem precipitação. Apontei com vagar e firmeza, e quando tinha a victima na boeca da arma, ... desfechei.

Havia commettido um erro grave. Estava carregada de vespera a espingarda. Não sei como aquillo foi... errei o tiro.

—Oh! — exclamaram os circumstantes consternados.

—É verdade, errei, — proseguiu o sr. Luiz Louet, com o sublime orgulho com que o Coriolano de Shakespeare, achando cerradas as portas de Roma, exclamava: «ficarei ainda o mundo!»; — errei, é verdade. Pela maneira por que a ave se levantou, conheci porém que fóra tocada. Segui-a com os olhos até á paragem; depois volvi-os para a minha espera. Vejam se ha nada mais singular! O chumbo tinha cortado o cordel do chamariz, e o pombo domestico, inesperadamente liberto, havia aabalado. D'aqui seguia-se, que, sem elle, nada faria com ficar na espera. Resolvi por tanto seguir a pista ao melro... Tinha-me esquecido dizer-lhes que era um melro.

—O tal?

—O tal. Por infelicidade, não tinha levado cão. Na caça de espera, o cão é um animal, não só inutil, senão insuportavel. Por tanto, não tendo cão, não podia contar com a busca, e tive de ir eu mesmo batendo matto.

O maldito do melro, em vez de avançar, passeiou. Levantou-se outra vez atrás de mim, quando eu o julgava pela frente. Voltei-me ouvindo-o bater as azas, e atirei-lhe no ar. Um tiro perdido, como podem supôr. Não o esperava; foi um sobresalto, e, na precipitação, quasi que nem apontei. Entretanto vi que remoinhavam no ar algumas pennas.

—Ah! viu remoinhar pennas, — interrompeu Méry como se pendesse da boeca do narrador.

—Vi, e até achei uma, que metti na casa da minha vestia.

—Então se viu remoinhar pennas, signal é que o melro tinha sido fôcado de novo.

—Foi a minha opinião tambem. Havia-me, porém, atrazado do melro. Como estava já de prevençãõ, parti-me fóra do alcance. Apesar d'isso fiz-lhe fogo. Quem sabe onde vae dar consigo uma carga de chumbo?

—Chumbo só! — observou Méry com sisudesa incomparavel — O chumbo é pouco para um melro. Ninguem faz idéa do que resistem os melros.

—E resistem, — continuou o sr. Luiz Louet. — Aquelle havia sido duas vezes ferido, tenho certeza; mas, como se não fóra nada com elle, arrancou terceiro vôo... de perto de um quarto de legoa. Não me importou. Tendo-o visto pousar, investi atraz d'elle. Estava desesperado. Jurei que havia de colhel-o á mão custasse o que custasse. Segui-o sem descaço. Levava o dêmo no corpo, o melro. Parecia que adivinhava com quem tinha de haver-se. Levantava-se-me sempre a cincoenta, a sessenta passos fóra do tiro. Para mim era o mesmo. Ia cego; estava damnado. Se o apanho, trinco-o vivo. E não era milagre, que me sentia a cahir de fraqueza. Felizmente, como contára passar o dia na espera, tinha levado o almoço e o jantar comigo, na bolsa de caça... Fui correndo e comendo.

—Queira perdoar, — atalhou Méry, interrompendo o sr. Luiz Louet. — Deixe-me fazer notar ao meu amigo Dumas uma curiosa circumstancia local. Veja aqui, meu querido poeta, a differença que vai dos caçadores do Norte aos caçadores do Meio-Dia. Esta differença é caracterisada pelas proprias palayras do senhor Louet. O caçador do Norte leva a bolsa vasia para a trazer cheia: o caçador do Meio-Dia leva a bolsa cheia para a trazer vasia. Pôde continuar agora, sr. Luiz Louet. Áte o fio da narraçãõ. Disse.

E Méry continuou a comprimir amorosamente entre os labios o troço humido de um charuto no fim.

—Onde ía eu? — perguntou o sr. Luiz Louet desorientado no seu discurso pela interlocuçãõ de Méry.

—Ía por montes e valles atraz do tal melro endiabrado.

—É verdade, meu caro sr. Méry. Nem sabía da cabeça. Não era já sangue, era vitriolo que me corria nas veias. Nas organisações ardentes a irritaçãõ orça pela ferocidade e eu estava desesperado. O melro, meus senhores, não era um melro, era um passaro de feitiço: podiam tomal-o pela ave incantada do principe Caramalzaman.

Deixei á minha direita Cassis e Ciotat, e entrei nas lezirias, que se estendem de Ligne a São-Cyro.

Havia 15 horas que andava, sem parar, para a direita e para a esquerda. Se tivesse avançado em linha recta

já estava para além de Toulon. Não podia com as pernas. Só o demonio do melro não caçava.

Afinal, era sol posto, e teria apenas meia hora de dia para conseguir o meu fim. Prometti á Senhora da Boa-Viagem pendurar-lhe na capella um melro de prata, se lograsse pôr a mão em cima aquelle. Foi o mesmo que nada! Como não era maritimo não fui ouvido. N'isto vinha já a noite. Descarreguei pela ultima vez sobre o melro por pura desesperaçãõ. Ouviu de certo sylvar o chumbo, porque d'essa vez tal vôo despediu, que, por mais que me afirmasse, esvaiu-se-me no crepusculo, e perdi-o de vista. Observára, todavia, que desapparecera na direcção de São-Cyro.

Não podia pensar em voltar a Marselha. Resolvi-me a ir dormir a São-Cyro. Felizmente não havia theatro aquella noite.

Cheguei morto de fome á hospedaria da Aguia-de-Oiro.

O dono da hospedaria era um meu conhecido antigo. Pedi-lhe que me mandasse preparar a ceia e uma cama. Depois contei-lhe a historia toda.

O homem pediu-me que lhe explicasse bem onde tinha perdido o melro de vista; e indiquei-lh'o o melhor que pude. Reflectiu alguns momentos, e depois tornou-me:

—«O melro ha-de estar na charneca á direita do caminho.

—«Exactamente, — redargui eu. — Foi para essas bandas que elle se snmiu.

—«É paragem de melros: sabe-o toda a gente d'aqui, — retorquiu elle.

—«Se houvesse luar podia-o levar lá; — insisti eu.

—«Não é preciso, — replicou o meu conhecido. — Amanhã de madrugada vamos com o meu cão, e levanta-mol-o.

—«Está dicto, — disse em conclusão.

E, fiado n'esta promessa, ceci e deitei-me.

Levei toda a noite em sonhos. Sonhei que tinha morto tanto melro, que nem já cabiam no meu theatro.

CAPITULO IV

Do que o sr. Luiz Louet passou em companhia de 'Solimão' e de quem era este personagem.

—Ainda a manhã vinha em casa de Christo, continuou o imaginoso narrador, e já eu estava a pé. Lavei e limpei ambos os canos da espingarda. Eu tinha-lhe dicto que a espingarda era de dous canos, sr. Méry?

—Não; mas fico-o sabendo agora.

—Lavei-os e limpei-os como se foram reliquias. Não faz idéa do estado em que estavam! Tinham dado cincoenta e cinco tiros no dia anterior. Se o chumbo pegasse na terra, crescia uma leira d'elle famosa, de Marselha a São-Cyro, posso-lh'o affiançar.

Bem lavada e bem enxuta a espingarda, carreguei-a com mais cuidado de que nunca. As cinco horas, o meu conhecido veio ter comigo. Já me tinha apromptado, e abastecido. Acautelara-me na vespera, mettendo os restos da ceia na minha bolea de caça, para o que desse e viesse. Estava no meu direito. Tinha pago.

Nós outros, francezes, não somos como dizem que são os portuguezes, uns mal governados, que pagam por inteiro e deixamos sobejos como fidalgos. Nós aproveitamos tudo.

Examinei as munições: faltava-me só polvora. A minha estava no fim. Não admirava, com o gasto quelhe tinha dado!

O meu conhecido felizmente achava-se provido. Como sabem, entre caçadores a polvora e o chumbo são como o rapé e o charuto entre os tabaquistas. Enchi o polvorinho.

—Tomarei a liberdade de lhes fazer observar, meus senhores — interrompeu Dumas — que o sr. Luiz Louet é pelo menos tão grande economista como apaixonado caçador. De certo, não terá escapado á sagacidade das suas attentões que o nosso historiador, onde pára, não deixa nada, e leva o que pôde.

A acquiescencia do auditorio provou a Dumas que a sua reflexão era reputada justa, e ao sr. Luiz Louet que a sua sciencia da ordem achava sympathias nos circumstantes.

O rebecão grande proseguio pois, cada vez mais lisongeado.

—As cinco e um quarto partimos; eu, o meu conhecido e Solimão.

—Solimão! Que Solimão? Solimão turco, Solimão persa, ou Solimão de botica! Ainda nos não tinha fallado no Solimão.

—É verdade, não tinha. Solimão era o perdigueiro do dono da hospedaria. Bom cão, deve-se dizer. Mal entrámos na charneca, farejou logo o passaro, e deu-lhe no rasto firme como uma rocha.

—Ah! tem o melro, disse o meu conhecido.

Olhei em direcção do focinho do perdigueiro. Era effectivamente o melro. Passeava entre as estevas, a trez passos de mim. Meti logo a arma á cara.

—Que faz? — grita o dono da hospedaria. Assim, não é caçar, é assassinar. Olhe que faz o melro em salada. E ainda em cima pôde matar-me o cão.

—Tem razão, — tornei-lhe eu. E recuei dez passos. Era já uma pontaria soffrivel, não acham?

—Admiravel. E Solimão o que fazia no emtanto?

—O Solimão estava espécado no mesmo lugar. Nem

que tivesse deitado raizes ali. Parecia o cão de Céphalo... Os senhores não ignoram talvez que o cão de Céphalo foi transformado em pedra.

— Não sabia, — atalhou Dumas sorrindo.

— Pois á verdade, foi. Succedeu-lhe esse desastre.

— Coitado do bruto! ponderou Méry com uma elegia na voz.

— O Solimão não tugia nem mugia. Parece-me que o estou vendo. De certo, ainda hoje estava na mesma postura se o dono lhe não grita:

— Bócca, bócca!

A esta ordem, o cão salta como uma pélla e o melro parte como uma sétta. Ponho-lhe a mira, como ainda ninguém pôz a mira a um melro. Tinha-o enfiado no adárme. Desfecho...

— Cahe?

— Qual! Carga perdida. Nada.

— Pois amigo, diz-me o meu conhecido, se lhe não faz outro mal senão esse, digo-lhe que o melro o leva a Roma.

— E então que tem que vá a Roma? Quem tem boca vai... lá, — retorqui-lhe eu. Hei-de segui-lo até onde me parecer. Tive sempre desejo de ir a Roma, para ver o Papa. Quem me hade pegar, se eu tiver vontade de ver o Papa? É o sr.?

— Estava desorientado, já podem ver. Se o homem me responde uma palavra, meto-lhe a segunda carga no buxo. Mas nada. Em vez de se affligir, tornou-me com toda a pachorra.

— Está no seu direito. Póde ir aonde quizer. Boa jornada! Quer que lhe deixe o cão! A volta m'o restituirá.

Podera não querer! Um cão, fino como aquelle! Aceitei, e disse-lhe:

— Quero, quero: deixe-m'o.

— Então chame-o. Solimão! torna aqui Solimão! Solimão vai ali com o sr.

Todas as pessoas experientes sabem que um cão de caça vai atrás do primeiro caçador que o chama. Ficou pois o Solimão, e partimos.

Era o instincto em pessoa, o animal. Façam idéa: não tinha perdido o melro de vista! Fui andando uns cento e cincoenta, ou duzentos passos, e vejo-o cahir-lhe em cima direito como um raio. Corro tambem, torno a procurar o passaro debaixo mesmo do nariz do cão... Nem uma penna. Se o pilho não o deixava ir, ainda que o fizesse em farinha. Vejam o que são fortunas! Em quanto eu andava dobrado ao meio, procurando no chão, o maldito do melro levanta-me o vóo d'uma moita. Desfechei-lhe ambos os tiros... Fogo, fogo! Ambas as cargas em vão.

— O Solimão olhou para mim espantado como se dissesse na sua:

— Que vem isto a ser?

Humilhou-me... atravessou-me o olhar do animal, e disse-lhe, como se elle podesse entender-me!

— Deixa, deixa... Espera.

Todos haviam de jurar que me percebia, o cão. Deitou logo para diante na busca. Ao cabo de dez minutos, estacou. Era o melro ainda. Atirei-me esfalfado ao focinho do perdigueiro; ia uma brazia.

Passou-me pelas mãos quasi o melro; açoutou-me literalmente as pernas com as azas.

Não pude ter mão em mim. Atirei primeiro muito de perto, e depois muito de longe. A primeira carga sahiu embalada, e passou ao lado do passaro. A segunda fez esplendor, e passou-lhe o passaro pelo meio.

— A salvo?

— São e escorreito.

Succedeu-me então uma cousa... uma d'estas cousas que eu não devia contar, se não timbrasse em dizer só a verdade.

O Solimão, que, em abono da verdade, justiça seja feita, era o cão mais intelligente que eu tenho visto; o Solimão tornou a olhar para mim com uma extranhese cheia de sarcasmos.

Depois, em quanto eu carregava outra vez a espingarda, aproxima-se de mim, cheira-me os brozeguins, alça a perna, e... e fez uma acção que a decencia me veda de designar, abalando depois desenfadadamente por onde tinha vindo!

— É inaudito. Que atrevimento de cão!

— Escuso dizer-lhes que se fosse um homem, e se esse homem tivesse o descaramento de e uxovalhar-me com uma desfeita d'aquellas, ou eu ou elle. Mas que queriam que eu dissesse, ou fizesse, a um animal que Deus privou do uso da razão?

— Nada. Deital-o ao desprezo.

— Foi o que adoptei. Todavia aquelle incidente havia-se feito perder de todo a tramontana. Jurei matar o melro, ainda que não fosse senão para o fazer cheiar ao cão. A gente ás vezes tem d'estes amores proprios.

D'aqui por diante já podem ver se me passaria pela idéa [voltar n'aquelle dia] Marselha. De paragem em paragem, cheguei... Advinhem aonde cheguei.

— Aonde?

— A Hyères. Nunca tinha estado em Hyères, e ouvia fallar n'esta povoação pela fama dos seus pomares de laranja. As laranjeiras é que m'a fizeram conhecer.

Estava a mais de quatorze leguas de Marselha.

A pé, era uma jornada de outros dois dias para voltar. Alem d'isso, ardia em calor.

Fiquei em Hyères!

Continúa.

MENDES LEAL JUNIOR.

ERRATAS.

No N.º 1.º d'este jornal, 1.º capitulo d'este Romanço onde se lê: «*atirador de merito*» deve ler-se: «*atirador emérito.*»

Na poesia onde se lê: «*Bernardino*» deve ler-se: «*Bernardim.*»

No 2.º N.º, capitulo II vem por engano typographico a designação de capitulo II.

D. MANUEL JOSÉ QUINTANA E A LITTERATURA CASTELHANA MODERNA.

A economia politica não ousava ainda apresentar-se com este nome. Com a modesta designação de economia civil, que mais facilmente lhe concedia passaporte de residencia inoffensiva, fazia proselytos entre os letrados e na população laboriosa e mercantil. Em muitas cidades se fundaram *sociedades de amigos del país*, com o fim patriótico de animar a industria e o trabalho nacional, facilitando em *memorias* numerosas os elementos de economia politica, e as suas applicações á solução dos problemas propriamente nacionaes, divulgando as machinas e invenções agrarias e fabris, animando com premios e com socorros pecuniarios os que nas artes, ou na agricultura, primavam pela excellencia dos seus productos ou davam louvaveis testemunhos de dedicação e perseverança industrial. Os economistas estrangeiros que então alcançavam mais celebridade na Europa eram traduzidos e vulgarizados: Saucá traduzia a *economia* de Genovesi, e Irujo fazia á litteratura nacional um serviço assignalado, pondo em vulgar a obra para sempre monumental do escocoz Adam Smith.

As sciencias economicas, já divulgadas pelo livro tiveram tambem as honras da propaganda professoral. Muitas cadeiras de *economia civil* vieram dar uma face nova ao ensino como elle se fazia então em Hespanha, antiquado e esteril, das sciencias juridicas e sociaes. Foram como raios brilhantes de luz nova rompendo aqui e acolá as trevas da instrucção escolastica, já então decrepita e em manifesta contradicção com o brilho das sciencias e das letras na Europa civilizada. O professor de economia civil, na *sociedade economica* de Saragoça, ousava mesmo então n'umas ostentosas conclusões, atacar em nome da consciencia publica o celibato ecclesiastico e a precoce profissão da juventude no estado monacal. E se delatado á inquisição era depois processado como propugnador de idéas subversivas e de manifestações irreligiosas, a impressão moldava-se mais ou menos fecunda, nos animos e as doutrinas economicas, atacando a opulencia do clero sem deslustrar a magestade da religião, acostumavam o povo a separar e a distinguir cuidadosamente a religião das religiões, a igreja, dos ecclesiasticos, a confrontar a pobreza dos apóstolos e dos primeiros solitarios e cenobitas com a mundana ostentação e o faustoso luzimento do clero regular.

A economia passava do estado especulativo e doutrinal a humanar-se em instituições, já desde longos annos triviaes n'outros paizes. A Hespanha ignorava os beneficios do credito, fecundado pelos bancos. Carlos IV admitiu-os pela primeira vez nos seus estados. Pelas diligencias de Musquia então ministro da fazenda, e pela actividade do conde de Cabarrús, que o auxiliou no plano e na execução, com o grande cabedal da sua illustração, se abria em Madrid o banco nacional de S. Carlos. A sua instituição, influiu dobradamente na economia social de Hespanha, porque deu um centro de auctoridade ao credito do paiz, e porque nas juntas que se celebraram antes e depois da sua fundação, se diffundiram pela voz e pela auctoridade de alguns illustrados economistas a luz que faiscaava nas controversias e no debate sobre o credito e sobre a riqueza nacional.

Ainda que cedendo ás necessidades da politica europea, e obedecendo ao concerto de todas as cortes catholicas do seu tempo, Carlos III não illustrou menos o seu reinado, abolindo nos seus dominios a companhia de Jesus. Os que interessavam temporalmente na conservação e influencia d'aquella poderosa e opulenta corporação, os que por indicição hesitam sempre diante da extincção dos grandes abusos publicos, os que oppoem a toda a tentativa de reformação a ancianidade e as tradições de uma instituição embora viciada na sua indole, e degenerada do seu instituto primitivo, — os que por egoismo, e destes havia então muitos na Hespanha, concedendo a vantagem theorica das revoluções de qualquer genero, desejavam addi-las para a seguinte geração, todos esses julgavam que a extincção dos jesuitas era a primeira solemne investida em que os governos catholicos arrancavam contra a igreja de Jesu-Christo, e ajuzáram que, assim como no seculo XVI, as reformas da igreja haviam levado ao protestantismo, o triunfo jansenista, victoreado e applaudido pelos philosophos, concluiria pela impiedade do governo e pelo atheismo das nações.

Os jesuitas voltaram a muitos paizes com a reacção politica. Mas a companhia, com o poder temporal, como milicia theocratica, essa sepultou-o para sempre a bulla de Ganganelli. Os jesuitas são hoje mais da historia do que da actualidade. Com o tempo a amplificação exagerada dos seus crimes e a apothéose parcial das suas virtudes e aproximaram e transigiram na propria opinião dos entendedores e dos criticos protestantes. A condemnação e o louvor absoluto distanciam-se hoje mais do que nunca da

verdade. A companhia serviu e difficultou a civilisação. Foi ao mesmo tempo benemerita da igreja e perturbadora da sua paz e tranquillidade. Como evangelisadora mereceu as primeiras honrarias da igreja, como estadista incorreu em erros capitaes e chamou sobre si immensa responsabilidade. A companhia em quanto andava nos campos, em quanto em longas emigrações: offerecia aos povos do novo mundo a palavra e a paz do evangelho, e rubricava com o seu sangue a sinceridade da sua vocação e a divindade de sua doutrina; em quanto illustrou com a sua vasta erudição e com o seu verbo eloquente e consolador as cadeiras evangelicas em todas as nascentes christandades, parece que tornava mais resplandecente a candura e a innocencia dos seus costumes e a piedade primitiva da sua primeira fundação. Nas cidades o seu posto era outro, o seu caracter diverso, os seus procedimentos menos apostolicos, as suas miras menos desinteressadas e as suas ambições mais mundanaes e mais profanas. Corporação complexa, mescla e união de oppostas qualidades e de intuitos contradictorios, a companhia parecia vibrar ao mesmo tempo dous fochos, um espiritual para alumiar novas e remotas christandades, o outro temporal e profano, para atear o incendio das consciencias, e para activar a dissensão e a discordia nas republicas. A companhia teve ao mesmo tempo grandes martyres, e audaciosos conspiradores. Uniam-se n'ella a suprema abnegação e as pertençações mais altamente ambiciosas. Humilde nas peregrinações evangelicas, arrogante nos commettimentos da politica. Amava a penuria, quando buscava por vocação a palma do martyrio; e vergava ás deducções da avareza, quando aspirava nas cidades á omnipotencia temporal. Era-lhe sobejo sceptro o bordão humilde dos peregrinos, quando saudava a Deus nos bosques virgens da America; era-lhe escaço baculo para firmar-se nas mundanidades da terra o proprio sceptro dos imperadores, quando invocava a ambição nas povoações do antigo mundo.

A mansidão não simulada das missões ultramarinas succedia na corte a duplicitade dos politicos. A doçura da palavra, a sobrançeria dos discursos. Entre os gentios era franca e aberta; para com os christãos ardilosa e refohada. Entre pagãos buscava sinceramente encaminhar ovelhas para o redil do evangelho; entre os fieis muitas vezes descaminhava e confundia cidadãos nos conflictos da republica. Entre os idolatras pretendia conquistar para Jesu-Christo; entre christãos as mais das vezes recrutava para si.

Nenhuma congregação religiosa enriqueceu ainda os seus fastos com um mais brilhante e sincero martyrologio. O evangelho teve nos jesuitas muitos dos seus mais ardentos operarios. Não os entibiava a longura das viagens, a bravura das tempestades, a perspectiva do martyrio. Não os acobardava a dureza das privações, nem a fereza dos gentios. Mais do que á fortuna das quilhas descubridoras, e á bisarria das espadas aventureiras se deve a conquista do novo mundo á pregação, da evangelica palavra. O missionario utilisava, santificando-a, a conquista do soldado. Sobre as feridas que abrem as guerras, o balsamo da religião manava sarando-as copioso e beneficente. E eram pelo commum os jesuitas os emissarios da lei divina. No grangeio da civilisação europea em terras de conquista ultramarina, era a espada a que sulcava o torrão virgem, mas era o missionario quem dispunha a semente e a abrigava cuidadoso. Trabalhando pelo evangelho, eram ao mesmo tempo os jesuitas a milicia da civilisação americana... Honrando a igreja, serviam ao mesmo tempo a sociedade.

A illustração e a sciencia recrutaram na companhia alguns dos seus mais laboriosos propugnadores. Todos os generos de litteratura lhe deveram desvelos e carinhos. Toda a erudição sacra e profana doutas e zelosas lucubrações. Se muitos se perderam e ameaçaram enredar comisso as sciencias nos labirintos da escolastica, se entre elles alguns tentaram em insulsas composições resuscitar, juvenil e mimosa a facil e sonora musa latina, outros houve que honraram a razão sem lhe sacrificar a fé christã e que desde as amenidades litterarias desprezaram vóo andacioso até ás mais levantadas concepções do espirito humano. Bordaíou em França e Vieira em Portugal a ligaram perpetuamente a gloria da companhia á gloria mais brilhante do pulpito moderno. E Vieira, com haver elle proprio rogado tantos annos a roupeta no tracto cortezão e nas intrigas da politica, bastaria quasi a fazer perdoar á companhia, agora que apenas vive, dos esvios mundanos da sua instituição, pelas tradições gloriosas do seu grande poderio intellectual.

Eis ahí a pontual ennumeração de todos os grandes beneficios que a Hespanha deveu no ultimo seculo á desvelada e paternal administração de Carlos III. Animação ao trabalho nacional, regularidade na fazenda publica; organização robusta do poder naval e militar; aperfeiçoamento do sistema de ensino publico; liberdade, quanto os tempos comportavam e o tolerava a inquisição, ao pensamento e á palavra; favor e predilecção para as letras e para seus cultores, muitos dos quaes illustravam o governo nos concelhos do monarcha, ou honravam com a sua auctoridade as mais elevadas magistraturas; eis ahí as feições proeminentes de um reinado de trinta annos, que os seus contemporaneos abençoaram pelos seus beneficios, que nós hoje admiramos pelos monumentos que deixou.

Carlos III desceu ao pantheão do Escorial, quando a revolução se annunciava já na França, por esta senda e sinistra agitação, precursora das temerosas borrascas so-

ciaes. O seu reinado adivinhou em muitas cousas a nova era de civilização que ia em breve inaugurar-se. Teve erros capitaes, e culposas hesitações, mas não é de admirar que tivesse os defeitos do seu seculo; absolvamol-o por que teve em muita parte as virtudes da civilização e os arrojos da liberdade.

Continúa. J. M. LATINO COELHO.

M. RUDE, ESCULTOR.

A 3 de Novembro ultimo perdeu a França um de seus distinctos escultores. Não obstante a idade de 71 annos, Francisco Rude, natural de Dijon, ainda conservava vigor de corpo e espirito para emprender longos e difficis trabalhos, que não teve tempo de acabar; viveu ainda, porem, até receber do suffragio dos artistas de diversas nações, na exposição universal, a primeira medalha de honra justa recompensa do seu talento.

N'este artista eminente notava-se a alliança do genio com um caracter nobre, cheio de desinteresse e independencia. Desprezando os meios porque muitas vezes se alcançam voga e popularidade, nunca se dobrou ás exigencias da sua epoca; viveu quasi solitario, consagrado á arte, no centro da sua familia e de seus discipulos. Os principios da sua carreira foram penosos. Como um grande numero de artistas, teve de passar pelas provas e obstaculos com que a falta de bens combate muitas vezes o talento. Filho de um fabricante de fogões começou a vida por operario; manifestando-se a sua vocação para o desenho, deu-se a este estudo, continuando, comtudo, a trabalhar na loja de seu pae. Animado por M. Devosges, director da escola de bellas artes de Dijon, que soubera apreciar tão felizes disposições, foi mandado a Paris em 1807 e entrou no laboratorio de M. Cartetier contando 23 annos de idade. Em 1807 ganhou o 2.º premio grande em escultura, e em 1812 obteve o primeiro premio grande de Roma.

M. Denon o dissuadiu de ir a Italia, e lhe encomendou obras; entre outras, baixos-relevos para um obelisco destinado á esplanada da Ponte Nova. Quando veio a restauração dos Bourbons, acompanhou no exilio para Bruxellas uma pessoa a quem estava ligado pelos vinculos de familia, e ali passou vida laboriosa e cheia de embaraços, dando lições de desenho, ou executando muitas obras de escultura, já em Bruxellas, já no castello de Tervueren a duas leguas d'esta cidade, onde ia a pé diariamente, partindo ás tres e quatro horas da manhã, e depois de feito o dia de trabalho, voltava tambem a pé, para em casa dedicar o serão ao desenho ou a estudos com que dilatava o horisonte de sua intelligencia.

Recolhendo a França em 1827 foi seguidamente incumbido de diversos trabalhos. Executou no arco de triumpho de *L'Étoile* uma porção do baixo relevo do frizo do grande entablamento, da banda de Neuilly, e depois o tropheu ou colossal grupo allegorico, na face que olha para a cidade, intitulado *A Partida em 1792*. Este grupo, muito mais notavel que os outros tres, é obra de entusiasmo e arrojo. As figuras dos guerreiros francezes marchando á defeza da patria, vestidas de trajo antigo por obedecer ás exigencias de uma tradição convencional, veem-se bellamente agrupadas sobresahindo no alto a figura allegorica da Liberdade, chamando o povo ás armas com um brado terrivel e gesto violento, de uma tão audaz expressão que revela a invasão do *romantismo* na arte por essa epoca. A execução dos outros grupos foi tambem offerecida a Rude por um ministro intelligente que tinha medido o alcance d'aquelle talento; mas, o artista recusou-se por um pensamento de recato; alguns dos projectos de composição que deixou, e que merecem ser reproduzidos pela gravura, causam-nos o sentimento de que por sobeja modestia se tivesse subtraído a aceitar aquella distincção merecida.

Uma estatua exposta no salão de 1833 representando um mancebo pescador napolitano assentado na praia e brincando com uma tartaruga, captivou muito a attenção, e ganhou ao artista a condecoração da legião d'honra; é a mais popular e mais feliz das suas produções. Este marmore, que pertence ao museu do Lu-



M. Rude, Escultor.

xemburgo, veio tambem á grande exposição universal do anno passado, como tambem a estatua em bronze, figurando Mercurio no acto de pôr as azas talares para elevar-se ao Olympo depois de ter degolado Argus; obra do auctor em 1834. Entre as muitas produções do cinzel d'este habil estatuario mencionaremos uma Senhora para a igreja St.

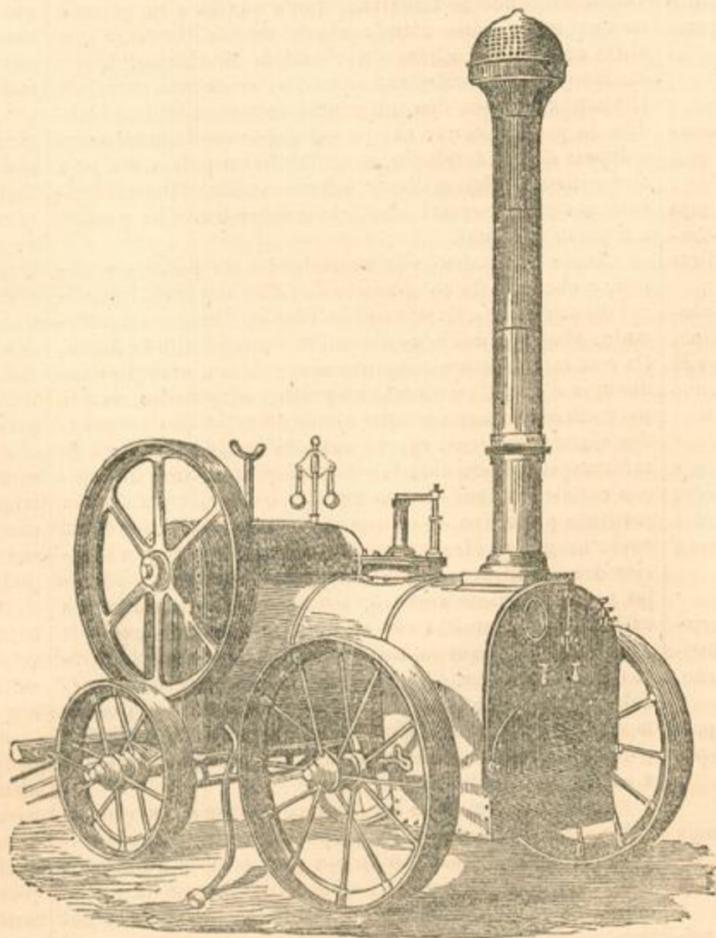
rapido bosquejo da campanha até ás primeiras noticias recebidas no começo d'este anno, terá de converter-se em pacifico relatorio de negociações e arceirices diplomaticas, se não mostrarem o reverso da medalha, novas partes telegraphicas oppostas ás que vierem pelas folhas inglezas e francezas, que o paquete de Southampton e os ultimos correios trouxeram ultimamente.

A acceitação pura e simples das propostas da Austria, sem que a Russia faça reserva de modificações que se debateriam nas conferencias sobre o modo de fixar os preliminares da paz, é um acontecimento tão inesperado, que suscita apprehensões de que se não veja tão prestes e tão definitivamente realiado. Bem faz o *Times* que previne cautelosamente os seus leitores para que não se engodem com tanta doçura. No entanto a noticia transmittida oficialmente pelo ministro francez em Paris affixou-se na bolsa mercantil d'esta capital por ordem do governo; e em Inglaterra o lord principal do Exchiquier annunciou-a em plena audiencia, e d'ali propagou-se rapidamente, a ponto de se esgotarem as edições dos jornaes que logo a estamparam.

Quanto ao reino limitrophe correram ahí temerosos boatos de revolução, com morte violenta dada ao ministro da guerra e ferimentos graves de Espartero, subversão da monarchia, e outros carapetões muito medonhos; tudo na fé de uma carta de Elvas do dia 22. Mas, cá estão os jornaes e correspondencias de Madrid de posterior data, e a capital das Hespanhas não passava do seu diario movimento, sentindo as pessoas, ainda as mais abastadas e acaçadas, ter de vestir camizas sujas porque as lavadeiras não traziam roupa em rasão das cheias e outros azares do mau tempo.

A respeito da estação tambem por cá vae o que sabemos; acrescentaremos ao que se lê em todos os jornaes o facto de achar-se a antiquissima ponte de Thomar n'um estado ameaçador de ruina, a ponto de mandarem as auctoridades avisar por pregão nas praças que ninguem por ella passasse.

Sobre o atrocissimo assassinio do conselheiro Bayard aguardamos informações mais completas.



Maquina portatil de vapor de MM. Tuxford e Filhos.

Gervais, o grupo do Baptismo de Christo na da Magdalena, outro e mui notavel, o Calvario na de S. Vicente de Paulo; Napoleão morto em Santa Helena, monumento em bronze, erecto em Fixin (Cotes d'Or) n'uma propriedade de Mr. Noisot, antigo capitão da guarda imperial; a estatua de Joanna d'Arc collocada na extremidade do terrasso á esquerda do jardim do Luxemburgo. O museu do Louvre possui um busto do pintor David, ao qual Mr. Rude consagrava grande affecto e admiração, de que estimou dar-lhe provas no desterro. Ha outros muitos bustos e estatuas, sendo digna de particular menção a de Godefroy Cavaignac, feita em bronze e destinada ao seu tumulo. Duas obras de rasgada concepção e já mui adiantadas ao tempo da morte de Rude, isto é, as figuras de Hebe e do Amor dominador, serão acabadas por seu discipulo Mr. Cabet que tomou essa tarefa como um encargo pio.

MAQUINA PORTATIL DE VAPOR, DE MM. TUXFORD E FILHOS.

As machinas construidas pelos srs. Tuxford e filhos, das fundições de ferro de Boston e Skirbeck no Licolushire, não só tem obtido premios de corporações nomeadas, como a sociedade de agricultura de Carlisle; mas tambem na grande exposição universal, onde o seu engenho portatil de vapor foi premiado, merecendo que o governo francez escolhesse uma d'estas machinas portateis para o conservatorio das artes e officios em Paris, e o da Prussia outra de igual fabrica para o museu real em Magdeburgo. Desde então tem sido empregados nos estaleiros em Inglaterra, tanto do estado como de particulares, para varias applicações em que se requer a força de vapor. O mesmo inventou engenhos para debulhar nas eiras e outros misteres agricolas.

NOTICIARIO.

A nossa bellicosa resenha estampada á frente d'este jornal e que é um

rapido bosquejo da campanha até ás primeiras noticias recebidas no começo d'este anno, terá de converter-se em pacifico relatorio de negociações e arceirices diplomaticas, se não mostrarem o reverso da medalha, novas partes telegraphicas oppostas ás que vierem pelas folhas inglezas e francezas, que o paquete de Southampton e os ultimos correios trouxeram ultimamente.

A acceitação pura e simples das propostas da Austria, sem que a Russia faça reserva de modificações que se debateriam nas conferencias sobre o modo de fixar os preliminares da paz, é um acontecimento tão inesperado, que suscita apprehensões de que se não veja tão prestes e tão definitivamente realiado. Bem faz o *Times* que previne cautelosamente os seus leitores para que não se engodem com tanta doçura. No entanto a noticia transmittida oficialmente pelo ministro francez em Paris affixou-se na bolsa mercantil d'esta capital por ordem do governo; e em Inglaterra o lord principal do Exchiquier annunciou-a em plena audiencia, e d'ali propagou-se rapidamente, a ponto de se esgotarem as edições dos jornaes que logo a estamparam.

Quanto ao reino limitrophe correram ahí temerosos boatos de revolução, com morte violenta dada ao ministro da guerra e ferimentos graves de Espartero, subversão da monarchia, e outros carapetões muito medonhos; tudo na fé de uma carta de Elvas do dia 22. Mas, cá estão os jornaes e correspondencias de Madrid de posterior data, e a capital das Hespanhas não passava do seu diario movimento, sentindo as pessoas, ainda as mais abastadas e acaçadas, ter de vestir camizas sujas porque as lavadeiras não traziam roupa em rasão das cheias e outros azares do mau tempo.

A respeito da estação tambem por cá vae o que sabemos; acrescentaremos ao que se lê em todos os jornaes o facto de achar-se a antiquissima ponte de Thomar n'um estado ameaçador de ruina, a ponto de mandarem as auctoridades avisar por pregão nas praças que ninguem por ella passasse.

Sobre o atrocissimo assassinio do conselheiro Bayard aguardamos informações mais completas.